



PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA

IVANA SILVA SOBRAL

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA Eixo temático 22.

Educação e Pesquisa em espaços não-formais RESUMO Os Parques Nacionais são locais ideais para a sensibilização ambiental, uma vez que proporcionam aos visitantes o contato direto com a problemática socioambiental. Para preservar a natureza e sensibilizar o visitante, é essencial considerar o perfil e os anseios dos atores envolvidos. Nesse sentido, esse trabalho teve como objetivo analisar a percepção ambiental dos visitantes do Parque Nacional Serra de Itabaiana. Para isso, aplicou-se entrevistas semiestruturadas. Os resultados das entrevistas indicaram a necessidade de visitas guiadas para sensibilizar o visitante e, conseqüentemente, minimizar os impactos negativos nas trilhas do parque. Conclui-se que o estudo da percepção ambiental e a inclusão da comunidade no planejamento é fundamental para alavancar o ecoturismo no Parque Nacional Serra de Itabaiana que atualmente encontra-se sem mecanismos de gestão eficientes. **Palavras-chaves:** uso público; plano de manejo; sustentabilidade; **ABSTRACT** The National Parks are ideal locations for environmental awareness, as they provide visitors the direct contact with the social and environmental problems. To preserve nature and sensitize the visitor, it is essential to consider the profile and the desires of those involved. Thus, this study aimed to analyze the environmental awareness of visitors to the Serra de Itabaiana National Park. To this was applied to semi-structured interview. The results of the interviews indicated the need for guided tours to sensitize the visitor and consequently minimize the negative impacts on park trails. We conclude that the study of environmental perception and the community involvement in planning is critical to leverage ecotourism in the Sierra de Itabaiana National Park that currently is without efficient management mechanisms. **Keywords:** public use; management plan; sustainable.

1. INTRODUÇÃO

Nenhum planejamento se efetiva sem a participação popular e sem uma proposta de Educação Ambiental. Educação e participação são elementos permanentemente ligados dentro do processo de planejamento (SANTOS, 2004). Partindo-se dessa premissa e sabendo que os principais atingidos com a criação de uma Unidade de Conservação são os moradores do entorno, é necessário que eles sejam inseridos no planejamento e manejo da área protegida. Para tal, é necessário conhecer suas percepções ambientais.

Informações sobre a percepção ambiental dos visitantes e da comunidade do entorno são pré-requisitos para elaborar planos de manejo efetivos. Conhecer variáveis como atividade de recreação preferida, valoração dos impactos ambientais pelos visitantes, anseios e necessidades da comunidade é extremamente proveitoso para definir estratégias de manejo.

Caso não haja diálogo entre os gestores e a comunidade local, haverá o agravamento de conflitos entre interesses distintos para o uso dos recursos naturais. Desse modo, é imprescindível que diretrizes sejam traçadas pensando a Unidade de Conservação e o seu entorno como um sistema integrado. Cabe aos responsáveis pela gestão proporcionarem o envolvimento das comunidades locais (BRASIL, 2005).

Para que a comunidade se aproprie da ideia de proteção do parque é necessário que haja uma relação estreita entre a obtenção de solução para os problemas ambientais e a participação concreta dos grupos sociais (SANTOS, 2004). Isto posto, este trabalho teve como objetivo analisar a percepção ambiental dos visitantes do Parque Nacional Serra de

Itabaiana.

2- MATERIAIS E MÉTODOS

Informações, referentes ao total de visitantes por grupo, por mês e ano, sua procedência e o objetivo da visita foram obtidas por meio de consulta ao livro de registro da entrada principal feito diariamente pelos funcionários do parque. Os dados relativos à percepção dos visitantes foram obtidos por meio de entrevistas diretas compostas por perguntas abertas e fechadas, e por meio de observações de campo. Segundo Takahashi (2006) a percepção trata de um julgamento de valor sobre o que é adequado ou aceitável e depende das expectativas dos visitantes. É função de vários fatores, incluindo outras experiências em áreas naturais (STANKEY; SCHREYER, 1987).

Foram aplicados 500 entrevistas entre dezembro de 2006 e outubro de 2007, na qual procurou-se obter informações qualitativas e quantitativas para públicos diferentes de frequentadores. A amostra dos entrevistados foi aleatória e não se sabe o universo exato dos frequentadores do parque, uma vez que só há registro no portão principal.

Os questionários foram aplicados junto aos frequentadores do Poço das Moças, do Vêu de Noivas e da Trilha do Caldeirão, locais aparentemente mais frequentados pelos quais os visitantes param para tomar banho e relaxar.

Os resultados das entrevistas foram tabulados no banco de dados Excel do *Microsoft Office* e transportados para o *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), na qual os resultados foram sistematizados e analisados em porcentagens.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- ANÁLISE DO LIVRO DE REGISTROS DE VISITAÇÃO

Segundo o livro de registro da entrada principal, o Parque Nacional Serra de Itabaiana recebeu 19.993 visitantes de fevereiro à dezembro de 2006. Os meses em que houve maior quantidade de pessoas foram outubro (3.107), novembro (3.384) e dezembro (3.353). Houve uma redução do número de visitantes de março à julho de 2006. Mesmo julho sendo um mês de férias escolares houve poucos visitantes, possivelmente em decorrência das chuvas.

Apenas no Carnaval de 2006, foram registradas 716 (setecentos e dezesseis) visitantes na entrada do acesso principal. Convém ressaltar que a visitação é registrada apenas no portão principal, nas demais entradas não há qualquer tipo de controle do número de frequentadores. Segundo o livro de registros, a quantidade de visitante que procurou o parque, no período de fevereiro à dezembro de 2006, para o lazer (12.553) é maior do que os que realizaram “atividade educativa” (7.442), com exceção dos meses de maio e setembro. A maior parte das atividades tidas como educativas realizadas no parque, é composta somente por alunos e os professores sem nenhum roteiro ou objetivo de visitação. O que se observou, em muitos casos, foram ônibus lotados de alunos, fazendo muito barulho, jogando lixo no chão, andando fora das trilhas e sem conteúdo educativo a ser passado.

Em alguns casos, os grupos são acompanhados por um estagiário do IBAMA – aluno da Universidade Federal de Sergipe. São casos pontuais e que não atende a demanda do parque. Para minimizar os impactos da visitação desordenada, as Diretrizes para visitação de Unidades de Conservação enfatiza que o órgão gestor deve empregar instrumentos de interpretação ambiental e deve apoiar a capacitação das comunidades locais a fim de promover a sua participação no planejamento e gestão da visitação (MMA, 2007).

Do total de visitantes do período de fevereiro à dezembro de 2006 (19.993), 52% residem em Itabaiana, 22% em Aracaju, 10% em Areia Branca e 16% em outras cidades. Dentre estas, as mais citadas foram Ribeirópolis, Frei Paulo, Lagarto, Nossa Senhora do Socorro, Umbaúba, Macambira, São Cristóvão e Salvador. A elevada frequência de visitantes que residem nas proximidades dos parques também foi observada por TAKAHASHI (1998) quando pesquisou o uso público em unidades de conservação de Curitiba.

3.2- PERCEPÇÃO DOS VISITANTES

Dos 500 entrevistados, 46% residiam em Itabaiana; 23% em Aracaju; 9% em Areia Branca; 16% em outras cidades de Sergipe, tais como Ribeirópolis, Frei Paulo, Lagarto, Nossa Senhora do Socorro, Umbaúba, Macambira e São Cristóvão; 5% em outros estados do Nordeste e 1% em outros Estados do Brasil. É importante reforçar a importância do PARNASI no contexto local e a necessidade de programas que visem o seu desenvolvimento sustentável de seu entorno, como

componentes de um sistema integrado.

Com relação à faixa etária dos entrevistados, aponta-se que o público jovem procura mais o PARNA, com 36,2% com idade entre 10 e 19 anos e 42,4% com idade entre 20 e 29 anos. Os demais, 13,6% entre 30 e 39 anos; 5,6% entre 40 e 49 anos; 1,6% entre 50 e 59 anos e 0,5% entre 60 e 69 anos. As trilhas, portanto, devem estar planejadas e implementadas para atender a públicos diferentes e oferecer experiências mais integradoras no contato com a Natureza como também sugerido por Neiman (2006).

Durante a pesquisa observou-se que muitos jovens estavam levando bebidas alcoólicas ou iam apenas para tomar banho no Poço das Moças. Caso houvesse programas de interpretação ambiental que desenvolvessem atividades lúdicas, tais como, encenações teatrais, jogos educativos e trilhas interpretativas, possivelmente muitos jovens estariam envolvidos.

Nas trilhas interpretativas, os caminhantes enfrentam diferentes níveis de dificuldade, surpreendem-se com fenômenos diversos, compartilham sentimentos semelhantes. Confirmam sua própria existência pela percepção simultânea e comunicação com o outro. Os sentimentos de complementaridade, as posturas de solidariedade costumam brotar espontaneamente nessas atividades. Há um enorme prazer em poder ajudar o outro. Compartilhar o lanche com quem não levou o suficiente, repartir a água de beber, ajudar a carregar, expressar o que sabe e o que sente, dar a mão para ajudar a subir ou a descer, compartilhar as mesmas emoções, reconhecer o prazer de estar junto àquela companhia (MENDONÇA; NEIMAN, 2003). A percepção da interdependência e da complementaridade uns com os outros relembra aos caminhantes o fato de serem membros de uma grande teia, enorme e complexa em suas relações, desfazendo as hierarquias a que estão acostumados (NEIMAN, 2006).

No que se refere a grau de escolaridade, 26% dos entrevistados possui primeiro grau incompleto; 5% primeiro grau completo; 16% possuíam segundo grau incompleto; 30% possuíam segundo grau completo; 15% possuíam nível superior incompleto e 8% nível superior completo. A constatação de que o PARNASI é frequentado por visitantes de perfis diversos, reforça a necessidade do órgão gestor atender a públicos locais e diferenciados em função da faixa etária e grau de escolaridade.

Em relação à entrada de acesso ao parque, verificou-se que 89% dos entrevistados entram pela portão principal, 6% pela trilha do Caldeirão e 5% pela entrada do Balneário Cosme e Damião, comprovando que os visitantes utilizam outras entradas além da principal. Este fato deve ser levado em conta pelo órgão gestor a fim de monitorar a visitação nas demais entradas do parque.

O Balneário Cosme e Damião, município de Areia Branca, está situado dentro do parque e é frequentado principalmente por pessoas da região com o objetivo de tomar banho em uma piscina de águas providas de nascentes da Serra de Itabaiana. Existe uma trilha que sai desse balneário em direção ao PARNASI. A entrada do Balneário Cosme e Damião é a porta de entrada de 45% dos entrevistados que não tem seus acessos registrados. Destes, 40% residem na cidade de Areia Branca.

Com relação à frequência de visitação, apenas 27% dos entrevistados informaram que era a primeira vez que visitam o parque; 42% visitam o parque de 1 à 9 vezes ao ano; 13% visitam de 10 a 19 vezes ao ano; 7% visitam de 20 à 29 vezes ao ano; 5% visitam de 30 a 39 vezes ao ano; e 6% visitam o parque acima de 39 vezes ao ano. Diante da diversidade na frequência de visitação, torna-se necessário programas de educação ambiental em diferentes frentes: uma destinada aos visitantes que estão indo pela primeira vez ao parque; outra para os visitantes rotineiros, nesse caso, sugere-se uma maior variedade de atividades, na qual será possível trabalhar com projetos educativos.

A maioria dos visitantes entrevistados (59%) tem como companhia amigos; 34,8% familiares; 3,2% grupos escolares; 1,2% grupos de escoteiros; e apenas 1,8% vão sozinhos ao parque.

Do total de entrevistados, a grande parte foram em grupos compostos entre 2-13 pessoas (68,2%). Segundo Roggenbuck e Lucas (1987), embora pessoas sozinhas em visitas a UC's sejam raras, o tamanho dos grupos está diminuindo ao longo dos anos. No caso do PARNASI, apenas 1,8% foram sozinhos ao parque.

O banho é a atividade de lazer preferida por 62,2% dos entrevistados durante a permanência no parque. A caminhada (13,4%), a contemplação da Natureza (7,6%), o relaxamento (3,6%), conhecer mais o parque (2,2%) e outras atividades (10,6%) também foram citadas, tais como, beber, jogar bola, paquerar, namorar, fazer amizades, se bronzear, esporte de aventura – *rappel* e escalada. Apenas 0,4% disseram que não gostaram de nada do parque, estes entrevistados foram os mesmos que afirmaram que nunca mais retornariam ao parque. O motivo dado pelos dois entrevistados que não apreciaram ao parque foi “que andava muito e não via nada”. Isso demonstra o quão afastado da Natureza eles estão, não apreciaram a beleza cênica, a biodiversidade e o lazer proporcionado pelo PARNASI. Os visitantes devem ser sensibilizados para abrir mão de alguns hábitos e “necessidades”, em troca de novas experiências. Segundo Neiman (2006) é simplesmente uma questão de coerência: “os lugares visitados apresentam uma realidade totalmente diferenciada e se cada turista carregar ou exigir seu tipo de alimentação, seu tipo de acomodação, seu estilo de vida em

geral; com o passar dos anos, esses locais não terão mais as características peculiares, tornando-se “lugares comuns” e não mais atrairão ecoturistas (se continuarem existindo).

A contemplação da Natureza foi citada apenas por 7,6% dos entrevistados, isso demonstra a necessidade de programas de interpretação ambiental que proporcione a reintegração homem-natureza. Segundo STANKEY e SCHREYER (1987) o tipo e quantidade da experiência anterior, informações prévias, grupo social, estado emocional e o próprio ambiente são alguns fatores que afetam a percepção das pessoas. A percepção ambiental “[...] é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atitude proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados” (TUAN, 1980). As percepções e os valores, respostas dos seres humanos a seu meio ambiente físico, permitem-lhes também compreender a si mesmos. Uma longa série de percepções, de experiências, leva à formação de posturas culturais, de atitudes (GONÇALVES, 2006).

Grande parte dos entrevistados (68,8%) respondeu que acredita que o parque interfere nas comunidades do entorno de maneira positiva, 30,2% acreditam que o parque não interfere em nada e apenas 1% acredita que a interferência acontece de forma negativa, apesar não responder de que forma acontece esta interferência.

Quando questionados sobre a maneira que o parque interfere nas comunidades do entorno, os entrevistados citaram turismo e desenvolvimento local (24,2%); lazer para a comunidade (24%); qualidade de vida (14%) e a sensibilização ambiental (6,6%).

Observou-se que os visitantes não percebem a falta de gestão do parque, eles citaram o que a Natureza pode proporcionar por si só para a comunidade local. Uma Unidade de Conservação tem que cumprir sua função social e contribuir para o desenvolvimento local. O ecoturismo é uma possibilidade do parque e seu entorno alcançarem a sustentabilidade. Não tem como o PARNASI cumprir seu principal objetivo, que a proteção de seus recursos naturais, se a comunidade de seu entorno não puder garantir sua sobrevivência.

Verificou-se que os visitantes que residem em outros estados do Brasil (50%) e em outros estados do Nordeste (43%) percebem menos a interferência que o parque exerce nas comunidades do entorno do que os visitantes que moram nas cidades sergipanas – Aracaju (76%), Itabaiana (67%), Areia Branca (64%).

No julgamento dos visitantes, a quantidade de lixo (61%) e as áreas sem vegetação (43%) são os impactos que mais comprometem a qualidade da visita. Apesar do grande número de árvores danificadas nos locais onde as entrevistas foram realizadas, muitos dos entrevistados (80%) afirmaram não ter visto árvores danificadas, mesmo próximo a elas durante a aplicação da entrevista. Para reverter a falta de sensibilização perante as questões ambientais, é preciso que se tenha programas de educação ambiental.

A metade dos entrevistados (50%) julgou as condições de caminhadas nas trilhas como boas e excelentes. Possivelmente eles não percebem a falta de manutenção e os impactos das trilhas, tais como alargamento, abertura de clareira nas margens, trilhas secundárias, porque já estão acostumados com a precariedade da infraestrutura urbana (falta de saneamento básico, ruas esburacadas etc). A justificativa mais citada pelos que julgaram as condições de caminhadas nas trilhas como regular, ruim ou péssima foi a extensão, segundo eles “é muito longa”.

Segundo os entrevistados a receptividade do parque ao visitante é péssima (13%), ruim (9%), regular (29%), boa (34%) e excelente (15%). Praticamente o único contato entre funcionários do parque e visitantes é na entrada principal quando o responsável pela portaria pergunta a um dos visitantes que compõe o grupo qual seu nome, aonde reside e o objetivo da visita, e caso o acesso aconteça pelas demais entradas do parque não existe qualquer tipo de recepção. O alto grau de satisfação comparado a inexistência de receptividade, pode ser devido ao fato das pessoas estarem habituadas com a ausência do Estado, ou porque não entendem a importância e os objetivos de um Parque Nacional.

Mesmo o parque sendo carente em infraestrutura adequada, tais como lixeiras fechadas para que a fauna não entre em contato com o lixo; centro de visitantes; rampas para deficientes; corrimãos para evitar acidentes, a maioria dos entrevistados afirmaram estar satisfeitos com a infraestrutura (72%). Dos que estavam insatisfeitos reclamaram da falta de bares e restaurantes. Isso demonstra que os visitantes vão ao PARNASI à procura do lazer encontrado nas cidades e não percebem o risco que se expõe decorrentes da falta de infraestrutura básica do parque. De acordo com Neiman (2006), é preciso que o órgão gestor deixe de “preparar” os locais para receber o visitante e passem a preparar o visitante, os planejadores e os operadores para conhecer os locais.

Se a infraestrutura da trilha for muito marcante, ela pode impedir os caminhantes de terem suas vivências com o espaço. O planejamento e a implementação da trilha deve favorecer o surgimento de sentimentos e emoções, a partir do “espaço vivido”, com o ambiente próximo, suas paisagens, lugares, proporcionando ao caminhante o conhecimento da sua realidade.

Apenas 14% dos entrevistados estavam insatisfeitos (6% achou péssimo e 8%, ruim) com o ruído provocado por outros visitantes no dia da entrevista. Algumas das vezes estava muito barulho e os entrevistados afirmavam: “está bom, quanto mais gente melhor”.

Com relação ao aspecto número de visitantes, o maior percentual de respostas (52%) foi que estava bom, seguido de regular (29%) e ótimo (18%). Apesar da metodologia capacidade de carga, que considera apenas o número de visitantes que uma área suporta, sem se preocupar com as variáveis recreativas e ambientais, não ser apropriada para controlar os impactos de visitação em uma UC, o número de visitantes pode ser utilizado como um dos indicadores para o monitoramento destes impactos.

A capacidade de carga é ainda utilizada nas Unidades de Conservação brasileiras para definir o número de visitantes que uma UC suporta. Sabe-se que considerar apenas esta variável não é suficiente para garantir a proteção dos recursos naturais. A Reserva Natural Salto Morato, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Estado do Paraná que é mantida pela Fundação Boticário optou no seu plano de manejo não trabalhar com a metodologia Limite Aceitável de Câmbio ao invés da capacidade de carga. Esta RPPN é um modelo em gestão de UC, sendo também palco de diversos cursos ministrados por profissionais renomados. Além disso, a Reserva promove e incentiva pesquisas que contribuam para a conservação da Natureza e otimize o manejo da reserva (BOTICÁRIO, 2001). Sugere-se para o PARNASI uma metodologia que monitore os impactos através de indicadores recreativos, ambientais e físicos tal como o LAC.

O índice de aceitação dos visitantes entrevistados com relação ao parque foi de 99,6%. Apenas 0,4% afirmaram que nunca mais retornaria ao parque, disseram que o parque não lhes proporcionou nenhuma atividade de lazer. Mais da metade dos respondentes (57,2%) disse não ter nenhuma sugestão ou reclamação para ser feita; 15,4% sugeriram melhorar a infraestrutura; 8,4% falaram sobre a necessidade de educação ambiental e da abordagem de informações sobre o parque; 8,2% reclamaram sobre a ineficiência da gestão; 6,2% sugeriram mais fiscalização e segurança; 3% sugeriram que o parque disponibilizasse um transporte até próximo das trilhas e apenas 1,6% reclamaram da ausência de guias locais.

A visitação tem sido feita apenas para o lazer básico, sobretudo o banho nos poços e cachoeiras. Contudo é necessário conciliar conservação e educação ambiental, visando atender ao propósito pelo qual o parque foi criado.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental a elaboração do Plano de Manejo e do Plano de Uso Público do Parque Nacional Serra de Itabaiana para que programas de Educação e Interpretação sejam implementados. Certamente a sensibilização dos visitantes reduzirá ações de vandalismo que vêm claramente ocorrendo no parque.

A pesar de o IBAMA considerar que o livro de registro de visitação do PARNASI é uma forma de controle, ele serve apenas para contagem dos visitantes que entram pelo portão principal, uma vez que nas outras entradas do parque não há qualquer registro de visitação.

A maioria dos visitantes não é sensibilizada perante as questões ambientais e não reconhece que está dentro de um Parque Nacional. Tal fato aliado a ausência do órgão gestor só tem contribuído para a degradação da Unidade de Conservação que apresenta visivelmente impactos negativos de visitação (árvores danificadas, lixo em grande quantidade).

Constatou-se que grande parte dos entrevistados busca no PARNASI um dia de lazer como banhistas e não esperam do órgão gestor outras formas de lazer (ecológico ou de conhecimento sobre a flora e fauna local). Este fato compromete sobremaneira a resiliência dessa unidade de conservação que foi criada por meio de critérios ecológicos (presença de espécies de fauna em extinção e nascentes de importantes rios). É preciso urgentemente encontrar mecanismos que conciliem a conservação das espécies com os anseios do perfil dos visitantes apontados por este estudo. O zoneamento da área terá um importante papel a fim de delimitar áreas bem como monitorar os impactos de visitação.

Na elaboração do Plano de Manejo, além de considerar a percepção e os anseios da comunidade do entorno, muitos destes aqui expostos, é preciso uma participação da comunidade local durante todo o processo de planejamento.

A participação ativa de todos os atores envolvidos é necessária para estabelecer mecanismos de controle da visitação. Apesar de os visitantes e a comunidade do entorno serem os causadores de parte dos problemas ambientais do parque, são também parte das soluções. Resolver a problemática ambiental do PARNASI excluindo a comunidade local é apenas um paliativo, e não uma solução.

Acredita-se que este trabalho auxiliará a elaboração de Projetos de Educação e Interpretação Ambiental no PARNASI, além de subsidiar a elaboração do Plano de Manejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTICÁRIO, Fundação O. Reserva Natural Salto Morato: **Plano de Manejo**, São José dos Pinhais, PR, 2001.

BRASIL Ministério do Meio Ambiente: **Diretrizes e Recomendações para o Planejamento e a Gestão da visitação em Unidades de Conservação**, Brasília, 2005.

DEMO, P. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, v.1, 2000. 216p.

GOMES, L. J. **Curso de diagnóstico Rápido Participativo**. Mestrado em Agroecossistemas, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2007.

GONÇALVES, M. L. Q; GUIMARÃES, S. T. L. SOARES, M. L. A. Uma aplicação da fenomenologia de Merleau-ponty e da geografia humanística de Tuan a um trabalho educativo de percepção ambiental em trilhas. In: I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas, **Anais...** Eixo Temático Palestras, Rio de Janeiro, 2006. CD-ROM.

IBAMA. Disponível: < em <http://www.ibama.gov.br/prevfogo/>> Acessado em 8 de ago de 2007.

MENDONÇA, R.; NEIMAN. Z. **À sombra das árvores: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse**. São Paulo: Ed. Chronos, 2003. 127p.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para visitação em unidades de conservação**. Brasília, 2007.

NEIMAN, Z. Sensibilização e interpretação ambiental para visitantes. In: I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas, **Anais...** Eixo Temático Palestras, Rio de Janeiro, 2006.

ROGGENBUCK, J.W.; LUCAS, R.C. Wilderness use and user characteristics: A stateofknowledge review. **General Technical Report INT**. USDA. Forest Service, Fort Collins, n. 220, p.201-245, 1987.

SANTOS, R. F. **Planejamento Ambiental**: teoria e prática. São Paulo: Oficina de textos. 2004. 184p.

STANKEY, G.H.; SCHREYER, R. **Attitudes toward wilderness and factors affecting visitor behavior: a state-of-knowledge review**. *General Technical Report INT*. 1987.

TAKAHASHI, L. Y. **Caracterização dos visitantes, suas preferências e r percepções e avaliação dos impactos da visitação pública em duas Unidades de Conservação do Estado do Paraná**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998. (Tese – Doutorado em Engenharia Florestal).

TAKAHASHI, L. Y. Monitoramento de indicadores de impactos nas trilhas e percepção dos visitantes em Unidades de Conservação. In: I Congresso Nacional de Planejamento e Manejo de Trilhas, **Anais...** Eixo Temático Palestras, Rio de Janeiro, 2006. CD-ROM.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002. TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VINHA, Valéria da. **O Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) e as técnicas utilizadas no estudo**. Disponível em: <http://www.thalamus.org.br/zeko/dpv/arquivos/ACOES_VOLUNTARIOS_E_MEIO_AMBIENTE.pdf> Acesso em: 7 de nov. de 2007.

WWF. Notícias: **Declaração de Bariloche propões ações para promover conservação, integração e melhoria na qualidade de vida para os povos latinoamericanos**. Disponível em: < http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/index.%20cfm?uNewsID=9560> Acesso em : 20 de nov de 2007.

Bióloga, licenciada em Geografia, Dra. Em Geografia, Bolsista de Pós-doutorado (PNPD/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

Recebido em: 25/06/2015

Aprovado em: 26/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: